

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
JÉSSICA ALBUQUERQUE LINO DA SILVA

**YOGA COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO FUNDAMENTAL DE FLORIANÓPOLIS**

Florianópolis

2018

JÉSSICA ALBUQUERQUE LINO DA SILVA

**YOGA COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO FUNDAMENTAL DE FLORIANÓPOLIS**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em
Educação Física do Centro de Desportos da
Universidade Federal de Santa Catarina como
requisito para a obtenção do Título de Licenciado
em Educação Física
Orientador: Prof. Dr. Fabio Machado Pinto

Florianópolis

2018

JÉSSICA ALBUQUERQUE LINO DA SILVA

**YOGA COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO FUNDAMENTAL DE FLORIANÓPOLIS**

Monografia aprovada como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física.

Florianópolis, 29 de junho de 2018.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Fabio Machado Pinto
Orientador – CED/UFSC

Ms. Arestides Joaquim Macamo
Membro – PPGE/CED/UFSC

Ms. Sofia Wolker Manta
Membro – PPGE/CED/UFSC

Dedico este trabalho àqueles que enxergam, em uma sala de aula/escola, indivíduos e não uma massa humana, que necessitam de cuidados específicos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer as minhas famílias (de base e a que constituo), primeiramente, por existirem em minha trajetória terrena e aqui tecerem comigo uma rede de ensino e aprendizado mútua a qual me criou e faz com que me recrie a todo o momento. A minha mãe em especial por sempre estar ao meu lado, segurando minha mão e dizendo: “Vamos eu te ajudo; você consegue”. Vocês são meus amores em todos os planos dessa existência!

À minha turma (2013/02) pelo aprendizado mútuo, parceria, amizade, risadas e união. À todos aqueles que tive a chance de conhecer e considera-los amigos, por me mostrarem como é constituída a real amizade e fortalecerem o que disse William Shakespeare, “amigos são a família que nos foi permitido escolher”!

Aos professores como Giovani de Lorenzi Pires e Paulo Ricardo do Canto Capela, por dizerem: “proveitem o curso, proveitem a universidade, extrapolem os horizontes (...)”, foi o que busquei e continuo a buscar. A professora Cristiane Ker por ter sido a primeira a me receber em um projeto, e as demais participantes deste, obrigada por todo o envolvimento e trocas.

Ao professor Cassiano Ricardo Rech por sempre dizer “vou pesquisar e trago no próximo encontro” a tudo que lhe era questionado e a ele era desconhecido. Por toda sua preocupação em ser claro no compartilhamento do seu conteúdo, ou melhor, seu interesse pelo aprendizado dos estudantes. Pelo seu senso de humor e paciência comigo, principalmente, pela confiança e grande amizade. E claro, pelos grandiosos ensinamentos, por me ajudar a estabelecer e alcançar objetivos, e pelo privilégio de constituir o Grupo de Estudos em Ambiente e Saúde. Teria muito mais a agradecer, mas como aprendi bem, “serei breve”.

Ao professor Fabio Machado Pinto por ter tornado os tão temidos estágios em experiências maravilhosas, encantadoras e instigantes. Por toda sua sabedoria e tranquilidade em lidar comigo e demais colegas. As suas importantes reflexões, discussões e movimentações a cerca da educação. A todos os conflitos causados em meu interior que fizeram e continuam a fazer com que eu entre em atividade em busca de mais. Principalmente por acreditar e fortalecer meu projeto de ser professora.

Aos demais que compõem a equipe de docentes, coordenação e departamento deste curso que se mostraram desde a matrícula, seres humanizados e amigos. Por me acolherem com muito carinho e respeito.

Aqueles que tornaram cada dia melhor e enriquecedor nesta instituição a ponto de eu sempre querer estar nela e nunca longe, pelos desdobramentos e evolução do meu ser, muitíssimo obrigada!

RESUMO

Introdução: O Yoga dito como presente dos Deuses para os seres humanos serem mais felizes é uma prática e filosofia proveniente da Índia, descrita pelo filósofo Patanjali como meio de tornar a mente calma, tranquila e livre de distrações. Trazida ao Brasil no período compreendido entre 1924-1947 pelo francês Léo Alvarez Costet de Mascheville, e para o campo da educação escolar em 2001 pelo Diego Arenaza. Para as crianças o Yoga é uma forma de educação integral, pois, através das experiências corpóreo-sensoriais elas aprenderão mais sobre si mesmas, além disso, influencia o desempenho motor, melhora as capacidades mentais, sociais, de autoconhecimento e aceitação. **Objetivo:** Este tem por objetivo analisar e compreender uma experiência de ensino dos conteúdos do Yoga nas aulas de Educação Física escolar sob a concepção pedagógica crítico-emancipatória. **Metodologia:** Este estudo quanto à natureza, caracteriza-se por ser uma pesquisa do tipo aplicada e do ponto de vista da abordagem e do objetivo, como um estudo qualitativo exploratório, ocorrido no âmbito do Estágio Obrigatório Supervisionado do curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Como subsídio para tal foram utilizados materiais produzidos durante o estágio, sendo eles, registros de observação das aulas de Educação Física, análise da conjuntura escolar, entrevista com docente de Educação Física, análise das fichas de matrícula dos alunos, planejamento de ensino, planos de aula e registros de intervenção. A análise dos dados partiu da conjuntura escolar, da contextualização da turma, das aulas de Educação Física e das categorias de análise criadas. **Resultados:** O Yoga sob a perspectiva crítico-emancipatória foi proposto de modo lúdico às crianças permitindo que o aprendizado ocorresse de maneira natural e não forçosa. As aulas aconteceram, em suma, no auditório por apresentar maior conforto aos alunos, nestas foram abordados os seguintes temas: história, respiração, posturas e princípios do Yoga. No decorrer das intervenções as estratégias de ensino foram se alterando de acordo com o retorno dos alunos e com as reflexões geradas nos pontos de encontro. **Conclusão:** As estratégias de ensino e seus desdobramentos viabilizaram a apreensão do conteúdo por parte dos alunos repercutindo mudanças nas relações consigo e com o social.

Palavras-chave: Educação Física; Yoga; Estágio.

LISTA DE SIGLAS

PPP - Projeto Político Pedagógico

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	OBJETIVOS.....	17
1.1.1	Objetivo Geral	17
1.1.2	Objetivos Específicos.....	18
2	METODOLOGIA	18
2.1	PROCEDIMENTOS, INSTRUMENTOS E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS	19
2.1.1	Estágio Obrigatório Supervisionado em Educação Física:	19
2.1.2	Planejamento e desenvolvimento das aulas:	21
2.2	ANÁLISE DOS DADOS	26
3. RESULTADOS		27
3.1	Conjuntura escolar.....	27
3.2	Conhecendo a turma “21”, o professor e as aulas de educação física	30
3.3	As aulas de educação física	31
3.4	Análise e reflexão sobre a experiência de ensino	33
4. CONCLUSÃO.....		39
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		40

1 INTRODUÇÃO

O Yoga dito como presente dos deuses aos seres humanos para que fossem mais felizes (MASSOLA, 2008) é uma prática e filosofia milenar proveniente da Índia, cuja palavra deriva da raiz sânscrita Yuj que significa unir ou concentrar (BIER, 1971). Existente no hinduísmo, no janismo e no budismo, porém, mais conhecida neste último devido aos Vedas, textos extremamente remotos, muitos com 3.500 anos ou mais de existência.

Descrita pelo filósofo indiano Patanjali, primeira pessoa a apresentá-lo de forma sistematizada, como meio de tornar a mente calma, tranquila e livre de distrações. Representa a união do homem com a sua natureza superior e tem por objetivo a busca pelo equilíbrio entre o corpo, mente e emoções (ARENAZA, 2002).

Devido à quantidade de inovações, decorrentes dos anos que se passaram, originaram-se diversas escolas de Yoga pelo mundo, conservando sua essência e objetivos, dentre elas, o mais conhecido no ocidente, Hatha-Yoga, Yoga da força. Este propõe a transcendência de si-mesmo através do corpo físico e energético. Protagoniza os exercícios de postura (ãsanas), controle da respiração (pranayama), inibição sensorial, concentração, meditação, êxtase e de técnicas de limpeza orgânica em geral (MARTINS, CUNHA, 2011).

Segundo Ahyoga a prática completa do Yoga divide-se em oito partes, sendo elas: Yama, preceito ético social; Nyama, preceito ético individual; Ānsana, posição física estável e confortável; Pranayama, exercícios respiratórios; Pratyahara, recolhimento dos sentidos; Dhárana, concentração; Dhyana, meditação e samádhi, estados mais profundos de consciência.

O Yoga surge na América Latina entre 1899-1900 por meio de uma iogue norte-americana, Katherine Augusta Westcott Tingley, qual fundou uma academia de Yoga na capital cubana (TINGLEY, 2012 apud SIMOES, 2015). Logo após, no período entre 1924-1947 esta prática e filosofia foi levada ao Brasil pelo francês Léo Alvarez Costet de Mascheville (conhecido como Swami Servananda).

Há indícios de que ele tenha viajado para a Argentina, Uruguai e Brasil, disseminando ensinamentos (CORDEIRO; CARUSO, 2010). No Uruguai fundou o Grupo Independente de Estudos Esotéricos (GIDEE), neste o Yoga era apresentado como veículo de desenvolvimento espiritual, juntamente com uma miscelânea de tradições esotéricas e espiritualistas, como Sufismo, Kabbala, astrologia, entre outras (SIMOES, 2015).

Swami Servananda atravessou Uruguai e Brasil em 1952, parando em todas as cidades, promovendo palestras e conferências em locais públicos, alguns inclusive com

demonstrações práticas do Yoga. Durante uma conferência no Rio de Janeiro, ele fundou a sede da Associação Mística Ocidental (AMO – PAX), esta tinha o propósito de unir o pensamento espiritualista do ocidente e do oriente, tal como fez Vivekananda (mestre indiano) em Chicago, 1893. Deste modo, a sede da AMO – PAX foi considerado o primeiro espaço de prática e estudo de Yoga instalado no Brasil (SANCHES, 2014).

Em se tratando de educação escolar, em 2001 no Brasil foi introduzida por intermédio do professor Diego Arenaza (Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências da Educação desta universidade) a proposta de Yoga para a sala de aula originária do movimento de Yoga na Educação (RYE - Recherche de Yoga dans l'Éducation), idealizado pela professora de Inglês Micheline Flak (1973), na França.

Para as crianças o Yoga é uma forma de educação integral em que as experiências corpóreo-sensoriais servem de suporte para a aprendizagem sobre si mesma (MARTINS; CUNHA, 2011). A prática do Yoga além de influenciar o desempenho motor das crianças demonstra, segundo Galatino (2008), melhora das capacidades mentais e sociais, bem como pode aumentar o autoconhecimento e a auto aceitação.

Crianças entre cinco e oito anos de idade podem praticar as âsanas desde que seja de maneira informal e lúdica, pois sua flexibilidade, vibração e elasticidade não devem ser sobrecarregadas (CHANCHANI E CHANCHANI, 2006). Para elas o ensino do Yoga deve ser por meio de brincadeiras, sem imposições para que o aprendizado seja natural, de modo que mais "asas a imaginação" sejam criadas e não podadas. Esta prática objetiva canalizar a vitalidade infantil para o desenvolvimento harmonioso da sua mente, incentivando a criança a expandir a sua criatividade, alongar-se, ouvir-se, cantar e representar personagens, animais, o sol, a lua, entre outros (MARTINS; CUNHA, 2011).

Diante as constantes dificuldades apresentadas no ambiente escolar, como por exemplo, falta de concentração, baixa confiança e indisciplina quais podem ser causadas pela extrema pressão que são submetidos os estudantes, vê-se a Yoga como alternativa metodológica de enfrentamento do estresse e crise do ensino. Através dela o estudante aprenderá a controlar o estresse, a ouvir, terá despertada a sua criatividade e recuperada sua autoconfiança (ARENAZA,2003).

O Yoga em sala de aula pode repercutir mudanças tanto no âmbito individual como coletivo, gerando processos de reflexão que podem revelar a criança um contexto holístico. O holismo é uma visão global e completa da realidade, desenvolvido por bases epistemológicas estruturadas em duas vertentes, a primeira como simbólico e metodológico em que uma

síntese entre a ciência, filosofia, religião e arte é estabelecida. Na segunda a prática que conduz a vivência que inclui a Yoga, kung fu e terapias alternativas (SILVA, 2013).

O ensino tradicional desvincula corpo e mente no processo de aprendizagem, mas o Yoga, por definição, se fundamenta nesta união. O corpo age como trampolim para a aprendizagem, mas a mente ajuda a revitalização do corpo. Deste modo, o Yoga ajuda no equilíbrio das energias, na atenção e no relaxamento das tensões (ARENAZA, 2012).

Patanjali, um sábio mestre de Yoga traz em sua obra o Yoga Sutra, com 196 aforismos que fundamentam a filosofia do yoga, etapas que devem ser trabalhadas ao se desenvolver o Yoga: viver juntos, eliminar toxinas e pensamentos negativos, adotar uma postura correta, respirar bem, ter calma, relaxamento e concentração (ARENAZA, 2002). Assim, através de exercícios de relaxamento o aprenderá a controlar o estresse e ouvir melhor despertando sua criatividade.

Considerando o exposto, a pesquisa em questão objetiva analisar e compreender a experiência de ensino no âmbito do Estágio Obrigatório Supervisionado em Educação Física desenvolvido em uma escola da rede municipal de Florianópolis por uma dupla de acadêmicas do curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina durante o primeiro semestre do ano de 2017. Ambas praticaram o Yoga anteriormente ao estágio, durante o período compreendido entre seis meses a dois anos. Também tiveram formação prévia, uma no PIBID e outra no estágio supervisionado I, podendo estas experiências anteriores ter contribuído para este trabalho.

As intervenções ocorreram em uma turma de segundo ano do ensino fundamental, período matutino, em uma frequência de três aulas por semana, distribuídas em dois dias. Nestas foram abordados os conteúdos do Yoga por meio da pedagogia crítico-emancipatória, com o intuito de propiciar o autoconhecimento, cuidado com seu corpo e o corpo do outro, controle corporal e mental, bem como silêncio e atenção.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar e compreender uma experiência de ensino dos conteúdos do Yoga nas aulas de educação física escolar do segundo ano do ensino fundamental em uma escola da rede municipal de Florianópolis.

1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Descrever as estratégias didático-metodológicas adotadas no ensino dos conteúdos do Yoga;
- b) Analisar a repercussão de rotinas nas aulas de Educação Física;
- c) Enfatizar a mudança de atitude dos alunos diante dos princípios de auto-organização e conhecimento;
- d) Analisar e refletir as aprendizagens por parte dos alunos e estagiárias.

2 METODOLOGIA

A pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada e desenvolvida de acordo com normas determinadas pela metodologia científica, esta última deve ser compreendida como um conjunto de etapas dispostas de forma lógica (NEVES, DOMINGUES, 2007). Nesta a abordagem e a tipologia do estudo são identificadas, a população e amostra são delimitadas, bem como os instrumentos para coletas de dados e as técnicas de análise e interpretação, visando responder ao problema e aos questionamentos previamente estabelecidos (OHIRA, DAVOK, 2008).

As fases da pesquisa de campo requerem, de início, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão, para que o pesquisador tenha conhecimento do estado da arte, ou seja, estado que se encontra atualmente o problema. Em seguida, de acordo com a natureza da pesquisa, devem-se determinar as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na determinação da amostra. Por último, são estabelecidas as técnicas de registro desses dados para serem utilizadas em uma análise posterior (LAKATOS, 2003).

Quanto à natureza, o presente estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa do tipo aplicada, pois objetiva gerar conhecimentos que visem aplicações práticas dirigidas à solução de problemas específicos (GIL, 1994) relacionados ao Yoga nas aulas de Educação Física escolar, valendo-se para tal do método indutivo como forma de viabilizar a tomada de decisões acerca do alcance da investigação (LAKATOS, 2003).

Trata-se, do ponto de vista da abordagem e do objetivo, de um estudo qualitativo exploratório, relato de experiência de ensino no âmbito do Estágio Obrigatório Supervisionado. Qualitativo por estabelecer uma relação entre o mundo e o sujeito que não pode ser traduzida em números, em que o pesquisador tende a analisar seus dados indutivamente (GIL, 1994). A pesquisa qualitativa requer uma maior aproximação do pesquisador com o campo de trabalho, por meio da observação e, muitas vezes, da

participação do pesquisador no campo, é que se terá um melhor delineamento das questões dos instrumentos de coleta e do grupo a ser pesquisado (NEVES, DOMINGUES, 2007).

Exploratório por proporcionar maior familiaridade com o objeto de estudo. Trata-se de investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com distintas finalidades: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente, fato ou fenômeno. Diversos procedimentos de coleta de dados podem ser utilizados, como entrevista, observação participante, análise de conteúdo, entre outros.

2.1 PROCEDIMENTOS, INSTRUMENTOS E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

Para subsidiar a pesquisa em questão, foram usados os materiais produzidos pela dupla, Jéssica Albuquerque Lino da Silva e Maria Eduarda de Sousa, durante o Estágio Obrigatório Supervisionado em Educação Física sob a supervisão do professor Fábio Machado Pinto e do professor da escola admitido em contrato temporário pela Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF).

2.1.1 Estágio Obrigatório Supervisionado em Educação Física:

O estágio favorece a aproximação do acadêmico com a realidade escolar, promovendo uma relação dialética entre os conhecimentos teóricos e práticos. Conforme o Manual do Estagiário, estagiar é:

Viabilizar processos de *(re)conhecimento* do Estagiário na função de Professor de Educação Física, mediador de processos de ensino e aprendizagem das práticas corporais e os alunos, através de uma inserção teórico-prática na totalidade do trabalho escolar e considerando a formação técnica, científica e cultural desenvolvida ao longo do curso de Licenciatura.

Durante o período do estágio houve encontros presenciais na universidade onde se buscou conhecer os acadêmicos e apresentar-lhes sobre a disciplina. Após, os encontros presenciais passaram a ocorrer na escola com frequência de três dias na semana, no intuito de aproximar e inserir os estagiários na conjuntura escolar e nos processos teórico-metodológicos do ensino da Educação Física.

Nestes encontros buscou-se apresentar a escola aos acadêmicos e eles a ela, por meio de estudos e análises do Projeto Político Pedagógico e apresentação dos trabalhos

desenvolvidos pelo PIBID e estágio nos períodos anteriores. Houve também debate sobre as teorias sociais e as pedagogias crítico-superadora e crítico-emancipatória da Educação Física. Após, foram definidas as equipes de estágio bem como as turmas onde ocorreriam as intervenções.

Os acadêmicos foram orientados a observar as aulas de educação física da turma que havia escolhido, visando conhecê-la para depois intervir. As observações poderiam ser de forma participante ou não, e também outros recursos como câmera de vídeo, gravador, poderiam ser utilizados.

A dupla optou por realizar as observações de modo não participante e não utilizar nenhum outro recurso para tal por acreditar que poderiam atrapalhar ou interferir na atmosfera da aula. Deste modo, ambas combinaram de observarem e registrarem simultaneamente os aspectos iniciais, características mais aparentes, metodologia do professor, atitudes e falas dos alunos, entre outras informações que julgavam importantes, buscando descrever nitidamente o ocorrido nas aulas, para posteriormente analisar.

As estagiárias foram orientadas a realizarem a análise da conjuntura escolar, entrevista com demais docentes/funcionários da escola, analisar documentos, investigar o que sentissem necessidade. Sendo assim, realizaram a análise da conjuntura com base em conversas informais com funcionários da secretaria e diretora.

Entrevistaram o professor de educação física dos anos iniciais e registraram esta, o que possibilitou a compreensão da sua metodologia de ensino. Também buscaram estabelecer diálogo com a professora de sala objetivando uma aproximação com o conteúdo trabalhado por ela com os alunos. Para melhor compreensão das crianças que constituíam a turma, para além da escola, foi realizada análise das fichas de matrícula de cada aluno, as informações foram registradas e tabuladas pelas estagiárias.

Após, com base em todos os registros de observação, análises e entrevistas, foi elaborado o plano de ensino em que foi determinada a metodologia e o conteúdo a ser ministrado pelas acadêmicas. Em seguida, foram iniciadas as intervenções sob a supervisão do professor e monitor do estágio, e do professor de educação física da escola. Ambas acadêmicas se responsabilizaram em memorizar cada momento da aula para a confecção do registro de intervenção, sendo este confeccionado em momento posterior.

Cabe salientar que todas as observações e intervenções realizadas além de terem sido registradas foram discutidas e refletidas em conjunto nos pontos de encontros com o professor supervisor e demais acadêmicos.

2.1.2 Planejamento e desenvolvimento das aulas:

De acordo com o Coletivo de Autores (1992), a escola na perspectiva crítica-superadora deve selecionar os conteúdos da educação física de modo que atenda o objetivo de promover a leitura da realidade, para que isso ocorra consideram necessário analisar a origem deste conteúdo e conhecer o que determinou a necessidade de seu ensino.

Nessa perspectiva, a educação física surge de uma necessidade social e como componente curricular tem um propósito na sociedade: promover na escola e junto com ela a transformação social. Outro fator considerado por eles essencial é a relação destes conteúdos com a realidade material da escola. Compreender que o sentido do professor é diferente do sentido do aluno e que a cultura corporal se dá na articulação entre sentido e significado, em que o sentido é individual e o significado, é social.

O Coletivo de Autores (1992) apresenta uma concepção de sociedade capitalista, separada em classes trabalhadora e proprietária em que a trabalhadora busca condições dignas de existência e hegemonia popular, e a proprietária visa o acúmulo de riquezas, mantendo-se assim no poder. Por apresentarem interesses distintos se tencionam, gera-se síntese e é desta que surgem as pedagogias, quais estabelecem discurso sobre a prática social e a ação dos homens na sociedade. Quando estas deixam de contemplar os interesses dos sujeitos, surgem as pedagogias emergentes que visam à construção da hegemonia.

A pedagogia difundida pelo Coletivo de autores (1992) é a crítico-superadora, qual visa a democratização do conhecimento e da sociedade, a formação de sujeitos críticos e pensantes. Esta busca que o aluno se assuma na sua classe e torne-se um sujeito transformador da sociedade. Sua concepção de currículo difere do conservador, denominado ampliado, neste a compreensão de fatos históricos é fundamental para que se entenda a realidade da sociedade de classe, o conhecimento não é tratado de maneira vertical, em caixas, sem ligações, pelo contrário, é abordado de maneira horizontal de modo que as disciplinas se articulem, construindo assim, a visão de totalidade da realidade. E tem como eixo a constatação, interpretação, compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória.

Já Kunz (2006) entende a educação como um processo social que indica uma consolidação cultural e histórica própria, deste modo, vê a escola como lugar social específico onde a organização da situação educativa é formal e explícita e onde o espaço pedagógico possui intenções políticas, assim, o profissional de educação física deve propiciar uma

compreensão crítica das encenações esportivas, tendo a intencionalidade de proporcionar uma reflexão crítica sobre estas.

Esta educação pelas encenações só se concretizará pelo agir comunicativo e poderá auxiliar a compreender melhor o fenômeno esportivo, avaliar e entender suas mudanças históricas, possibilitará o desenvolvimento de diferentes encenações, bem como, interpretações de papéis diversos, além de entender o papel de espectador. Para ele há três planos de encenação: o do trabalho, o da interação e o da linguagem.

Plano do trabalho se refere ao espaço físico e material predeterminado. O da interação se caracteriza pela participação de certo número de pessoas que possuem um tema em comum. Já o da linguagem relaciona-se dois planos anteriores e além disso, permitem que as encenações ocorram em nível racional de entendimento e atendam os interesses educacionais.

O Coletivo de Autores critica a Educação Física escolar como objeto de desenvolvimento da aptidão física, qual visa a alienação do homem e manutenção da sociedade capitalista através do máximo rendimento da capacidade física. E reflete ela tendo como objeto a cultura corporal, onde se considera as representações criadas pelo homem, mediante algum estímulo/ necessidade, em um momento da história e culturalmente desenvolvidas. Esta contribui para a afirmação dos interesses das classes populares através da reflexão pedagógica sobre valores de solidariedade, cooperação, distribuição e liberdade de expressão dos movimentos.

Afirmam que a dimensão corpórea do homem se materializa nas três atividades produtivas da história da humanidade, sendo elas: trabalho, linguagem e poder. A linguagem como meio de expressão e comunicação, o trabalho refere-se a movimentos sistematizados, ordenados, articulados e institucionalizados e o poder é expresso pela disputa. Nesta o conhecimento é retraçado possibilitando ao aluno a visão de historicidade e a sua compreensão enquanto sujeito histórico, capaz de interferir na sua vida privada e social.

A pedagogia Crítico-Superadora evidenciará no esporte (tema da cultura corporal) seus sentidos, significados e normas que o regulamenta dentro do contexto sócio histórico, não abordando os elementos técnicos e táticos como exclusivos, possibilitando ao aluno uma visão de totalidade e compreensão de que o conhecimento é provisório, produzido historicamente e de forma espiralada. Esta visa atender os interesses da classe trabalhadora, e considerar os aspectos sócio históricos para compreensão da realidade, formando assim,

sujeitos conhecedores do seu contexto, críticos e capazes de produzir mudanças em seu meio social.

Em contrapartida, Elenor Kunz (2006) apresenta uma crítica ao modelo prático de ensino da Educação Física escolar da época, onde estes apresentavam uma tendência marxista, em que o esporte é utilizado como modo de alienação e reificação do homem, por isso, Kunz em sua primeira publicação apresenta um ensino problematizador onde se inclui uma perspectiva idealizada por Trebels na ginástica e, que ele aplica ao atletismo, a transformação didático pedagógica buscando atender a todos os alunos e não apenas os mais habilidosos. Comenta também sobre a concepção da psicomotricidade qual visa o desenvolvimento integral do indivíduo (cognitivo, emocional e motor), mas esta é criticada por Bracht por instrumentalizar os movimentos com vistas às tarefas fundamentais das escolas, e sobre a concepção de Aulas Abertas, de Reiner Hildebrandt, qual considera as vivências dos alunos, suas experiências, tornando-os sujeitos críticos e autônomos, responsáveis pela construção do saber, a relação professor-aluno ocorre de maneira horizontal, e o professor visa mediar e problematizar os processos.

Kunz critica a concepção de Aulas Abertas porque não apresenta como os programas em longo prazo devem ser elaborados e em que momentos no ensino aprendizagem que as vivências dos alunos devem ser consideradas. Assim, é apresentado pelo autor o termo indústria cultural que refere-se aos interesses formados por instituições, e desta maneira o sujeito constitui consciência ideologicamente falsa, onde a influência dos interesses das instituições é tão presente que os sujeitos não são capazes de reconhecer seus verdadeiros interesses.

Deste modo, Kunz com a pedagogia Crítico-Emancipatória pretende atingir relações práticas do ensino do esporte com vistas ao desenvolvimento do aluno em relação a determinação de competências imprescindíveis na formação de sujeitos livres e emancipados, visando o desenvolvimento da autonomia, interação social e da competência objetiva. Nesta, o esporte possibilitaria ao sujeito ter capacidade de se colocar no lugar do outro, visualizar componentes sociais que influenciam as ações socioculturais, saber questionar e avaliar. Esta deve estar na prática acompanhada de uma didática comunicativa com a função de esclarecimento e prevalência do racional, ou seja, racionalidade comunicativa, pois, para ele o aluno como sujeito deve ser capacitado para participar da vida social, cultural e esportiva, conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados pela reflexão crítica, sendo assim, imprescindível essa racionalidade.

Para o autor o ensino transparente do esporte só é possível através do trabalho produtivo de treinar técnicas, da interação social que ocorre em todo o processo de ensino aprendizagem, e da linguagem, seja ela verbal ou corporal. A pedagogia Crítico-emancipatória apresentada por Kunz oportuniza os alunos a perceberem a repressão auto imposta que sofrem, conhecerem seus verdadeiros interesses a partir do esclarecimento e emancipação, atingirem maior liberdade. O conhecimento passa a ser entendido e não é algo imposto, e as vivências dos alunos também são respeitadas para que as condições de um entendimento racional seja alcançada.

Assim, optou-se pela pedagogia Crítico-emancipatória de Elenor Kunz com o objetivo de formar sujeitos livres, emancipados, visando o desenvolvimento da autonomia, interação social e da competência objetiva. Para ele o aluno como sujeito deve ser capacitado para participar da vida social, cultural e esportiva, conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados pela reflexão crítica, sendo assim, essa racionalidade é imprescindível.

Como subsídio para a definição do conteúdo, recorreu-se aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a Educação Física enquadra-se na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, direcionando a prática física à expressividade corporal do aluno. Nele esta deve ser constituída de três pilares, sendo os seguintes: jogos, ginásticas, esportes e lutas; atividades rítmicas e expressivas; conhecimentos sobre o corpo. Estes pilares podem apresentar relação entre si e podem ou não serem trabalhados em uma mesma aula (SILVA, 2013).

A Educação Física, dentro do que se propõem nos Parâmetros Curriculares Nacionais, é a área do conhecimento que introduz e integra os alunos na cultura corporal do movimento, com finalidades de lazer, de expressão de sentimentos, afetos e emoções, de manutenção e melhoria da saúde. Para tanto, rompe com o tratamento tradicional dos conteúdos que favorece os alunos que já têm aptidões, adotando como eixo estrutural da ação pedagógica o princípio da inclusão, apontando para uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca o desenvolvimento da autonomia, da cooperação, da participação social e da afirmação de valores e princípios democráticos. Nesse sentido, busca garantir a todos a possibilidade de usufruir de jogos, esportes, danças, lutas e ginástica em benefício do exercício crítico da cidadania (PCN, 2000, p.33).

De acordo com a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2016), a Educação Física escolar brasileira tem buscado se alinhar ao propósito

da Educação Básica que é “possibilitar, às novas gerações, o fortalecimento e enriquecimento de sua herança científica e cultural, por meio do conhecimento sistematizado”.

Nesse sentido, se tem buscado estrutura-la de modo que os conhecimentos contribuam para a formação cultural do aluno. Sendo estes compreendidos como frutos das capacidades humanas de realizarem transformações na natureza, de socializá-las através de diversas formas de linguagem e vinculá-las a uma tradição cultural em decorrência do convívio entre seres humanos. Rompendo assim com o modelo médico-biológico e considerando o movimento humano uma forma de expressão cultural em que se carregam elementos históricos, éticos, técnicos, políticos, filosóficos e étnicos (SILVEIRA; PINTO, 2001).

Cada manifestação da cultura corporal de movimento propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimento e de experiências à qual ele não teria de outro modo. A vivência dessas práticas corporais não é um meio para se aprender outros conteúdos, mas, sim, uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular, insubstituível (BRASIL, 2015).

A Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2016, p.50) apresentada um quadro que contém objetivos de aprendizagem por ano do Ensino Fundamental e suas modalidades, considerando eixos e conteúdos da Educação Física. Neste o conteúdo Práticas Corporais Alternativas e na Natureza tem como eixo a ampliação das possibilidades de movimento dos seres humanos, e objetiva “experimentar, desfrutar e recriar diferentes práticas corporais alternativas, como as circenses, Yoga, Pilates, tecido acrobático [...]”.

A Yoga na escola, em seus ciclos de escolarização, se propõe a ir além de movimentos e desafios corporais, mas desenvolver as capacidades e habilidades mentais e psíquicas (RAMACHARAKA, 1995). As atividades buscam desenvolver a memória, o silêncio e o reconhecimento das emoções. Permitindo um contato maior do ser humano com o meio que vive.

Em busca de estabelecer um diálogo interdisciplinar, para cada objetivo de aprendizado está indicado, na proposta supracitada, o grau de apropriação do conhecimento desejável ao final de cada ano de escolarização, assim, para o referido conteúdo e ano, foi atribuído o grau I, qual se refere a trabalhar ideias fundamentais do conceito/experiência corporal.

Ao determinarem o conteúdo e a pedagogia adotada as estagiárias tiveram o desafio de elaborar o planejamento de ensino, entendido aqui como um processo de análise de uma determinada situação, de modo a buscar alternativas de ações para o alcance dos objetivos almejados, ou seja, o planejamento deve ser como um guia das aulas de Educação Física, qual apesar de ser construído previamente pode e deve ser modificado no decorrer das intervenções (FLORIANÓPOLIS, 2016).

Kunz (2006) tem como estratégia didática de ensino crítico-emancipatório a transcendência de limites em que o aluno é confrontado com a realidade do ensino e seu conteúdo em especial, e esta possui graus de dificuldades como: transcender limites pelo simples explorar e experimentar possibilidades e propriedade dos objetos, vivenciar possibilidades comunicativas, descobrir e experimentar relações socioemocionais novas; pela imagem, apresentação verbal de situações do movimento e do jogo de modo que o aluno deverá, reflexivamente, acompanhar, executar e propor soluções; pela forma criativa ou inventiva, onde a partir das formas anteriores, o aluno é capaz de criar/inventar movimentos e jogos com sentido.

As aulas foram estruturadas sob a perspectiva crítico-emancipatória onde para cada intervenção foram designados tema e objetivos, e as estratégias de ensino foram divididas em momentos. Cada intervenção exigiu a reserva e organização prévia do auditório da escola, local escolhido pelas estagiárias para o desenvolvimento das aulas. Para tais, foram utilizados tatames, tapetes, aparelho de som e retroprojetor. Ocorridas duas vezes na semana, sendo um dia de aula única e outro de aula faixa. Cada período com duração de quarenta e cinco minutos. Todas estas foram registradas para posterior análise.

2.2 ANÁLISE DOS DADOS

Para uma melhor compressão do objeto de estudo partimos da conjuntura escolar, da contextualização da turma, bem como das aulas de educação física e criamos categorias de análise dos materiais produzidos pela dupla de estagiárias, sendo estas: organização; silêncio e apreensão do conteúdo, cabendo à pesquisadora estabelecer pontes e discussões entre a literatura e os conhecimentos os advindos da experiência de ensino.

3. RESULTADOS

3.1 Conjuntura escolar

A instituição de ensino em que o estágio foi desenvolvido esta localizada na capital de Santa Catarina, Florianópolis. É oriunda de um Grupo Escolar constituído em 1963 pela fusão das casas escolas existentes na região com o intuito de atender a demanda do bairro que tinha aumentado com a implantação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), qual gerou mais emprego e movimentou a economia local. Em 1968 com a implantação das Centrais Elétricas do Sul do Brasil (ELETROSUL) a economia local movimentou-se ainda mais, pois, além de geração de empregos o bairro começou a ter mais lucro com o comércio local e aluguel/venda de terrenos/casas/kitnets/quartos. Deste modo, o Grupo Escolar que ofertava ensino até a 4ª série (ano) do ensino fundamental transformou-se em Escola no ano de 1986 pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, visto que os alunos ao concluírem a 4ª série (ano), maioria, não prosseguiram com os estudos em outra instituição, passando assim, a ofertar ensino até a 8ª série (ano).

Atualmente esta funciona em dois turnos, matutino e vespertino, atende, aproximadamente, 515 alunos das turmas de 1º ao 9º do ensino fundamental, sendo estes residentes do mesmo bairro e de outros ao redor como, Saco dos Limões, Carianos, José Mendes, Serrinha, Campeche, Monte Verde e Costeira.

Em seu corpo docente ha quinze profissionais concursados e sete terceirizados de apoio pedagógico/administrativo. Destes, identificou-se que há mais profissionais com carga horária de vinte horas semanais e efetivos atuando nos anos finais se comparados aos anos iniciais. Devido à conjuntura política do país e a mudança na gestão da escola, o quadro profissional foi todo alterado, havendo admissão de muitos profissionais ACT (admitidos em caráter temporário).

Em relação à infraestrutura, esta conta com dez salas de aula, sala informatizada, auditório, quadra aberta, sala de direção, sala de professores, sala de planejamento, cozinha/refeitório, almoxarifado, banheiro adaptado, biblioteca, ginásio de esportes, secretaria, sala de auxiliares de ensino, sala de coordenação pedagógica, sala de apoio pedagógico, depósito, seis banheiros, depósito de material de limpeza.

Cabe salientar que ela está em fase de obra, porém, está interrompida, pois, o repasse de verba e material para continuação foi cessado, ou seja, algumas estruturas e seus meios de acesso foram reformados recentemente, como algumas salas de aulas, quadra aberta,

auditório, sala informatizada, biblioteca, cozinha/refeitório e almoxarifado. Porém, a quadra mesmo tendo sido reformada, por exemplo, após chuvas intensas fica com poças. As demais estruturas serão reformadas no decorrer do ano, como o ginásio que se encontra interditado por apresentar condições precárias para uso.

A instituição, de acordo com o Projeto Político Pedagógico de 2015 (PPP), tem como eixo curricular o ler e escrever, pois, os consideram aspectos fundamentais para a interação com o mundo. A linguagem seja ela escrita, oral e/ou corporal é considerada o principal instrumento de ensino e aprendizagem que possibilita a inserção dos sujeitos em grupos sociais bem como, torna-os críticos. Neste é salientado que este eixo curricular não se restringe ao português, sendo compromisso de todas as áreas, exigindo-se assim, uma perspectiva interdisciplinar.

A mediação pedagógica interdisciplinar não deveria tratar apenas dos conhecimentos científicos, mas incluir também as marcas que se inscrevem sobre os corpos e as trajetórias formativas de crianças, adolescentes, adultos e idosos, como a fome, as práticas de exclusão, entre outras (FLORIANÓPOLIS, 2016).

Este eixo tem como objetivo formar leitores autônomos de gêneros presentes na sociedade e autônomos na escrita desses gêneros, sendo a autonomia considerada como função da escola, pois, os conteúdos não são de natureza conceitual apenas, mas envolvem também procedimentos e atitudes.

No seu regimento interno, qual consta no anexo 2 do seu Projeto Político Pedagógico (PPP), a instituição escolar compromete-se no capítulo II, artigo 4º pelo pleno desenvolvimento e preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho de seus educandos, bem como, garante acolhimento a todos independente de suas condições. O que vai de encontro ao que o Coletivo de Autores (1992) afirma sobre a escola não ser apenas um local preocupado com as habilidades e conhecimentos para ser trabalhador, profissional, vencer na vida e/ou no vestibular, mas sim um espaço de vivência da cidadania, porém, de acordo com Charlot (2013), como a escola reflete a sociedade, nela ha desigualdades, arbitrariedade e a prevalência pela vontade do mais forte, ou seja, ela não é um espaço de cidadania, com igualdade de direitos e deveres a todos da comunidade escolar.

Para a formação do sujeito faz-se necessário compreender que a criança necessita ser vista por inteiro, como sujeito, membro da uma classe social situada histórica, social e culturalmente, sem ser dividida em inúmeras habilidades e comportamentos. Ela necessita resgatar seu lugar social como produto e produtor da história, produto, pois, interioriza as

objetivações deixadas pelas gerações passadas e produtor, pois, na relação com o mundo constrói sua história pessoal e a coletiva, deixa sua marca. Neste movimento vai construindo sua singularidade, o seu projeto de ser, este último vai em direção ao futuro e depende também das possibilidades que lhes são apresentadas e não somente de sua vontade.

No intuito de agir no e sobre o mundo o sujeito tem o saber como necessidade de aprender (CHARLOT, 2000), produzindo a si mesmo pela educação, assim, no ambiente escolar o professor deve ter respeito às diferenças entre seus alunos e individualizar o seu ensino (CHARLOT, 2013). Conforme o capítulo III do anexo 2 do PPP desta escola, seção II, artigo 17, compete ao corpo docente propiciar aprendizagens significativas as crianças e adolescentes. Para educar-se, qual é uma produção de si por si mesmo, segundo Charlot (2000) o sujeito necessita da mediação do outro e da sua ajuda, caso contrário, se o sujeito não colaborar não consentir, não ocorrerá. A educação é possível se a criança ou adolescente encontra no mundo algo que lhe permita construir-se, algo que a faça desejar, que a coloque em atividade, aqui compreendida como conjunto de ações propulsionadas por um móbil (desejo) e que visam um resultado (meta).

Posteriormente, no capítulo IV, em sua seção VI, subseção I no artigo 4, salienta-se os direitos a criança e ao adolescente ao acolhimento e compreensão de seus educadores, e o de ser tratado com respeito, atenção e humanidade por toda a comunidade escolar. Há educação quando a situação apresentar ao sujeito um significado, ou seja, quando for comunicável e entendido em uma troca com os outros e, quando houver simpatia antropológica (CHARLOT, 2013) entre professor e criança/adolescente. Simpatia antropológica porque o professor não tem obrigação afetiva com o sujeito, mas tem a de respeitá-lo e ofertar o que puder para sua formação.

Neste documento também é discriminado alguns combinados para serem aplicados aos alunos dos anos iniciais, como a utilização de letra em caixa alta, criação de regras de convivência, uso de palavras mágicas, evitar o uso das carteiras enfileiradas, desenvolvimento de senso crítico e preservação da natureza. A avaliação destes alunos, segundo o PPP, deve ocorrer de maneira descritiva sendo avaliadas as habilidades, competências e atitudes.

Em 2015 a escola apresentou Índice de Desenvolvimento da Educação Básica de 6,7, com taxa de aprovação de 96,2% no ensino fundamental. Atingindo assim, a meta e alcançando índice acima de 6,0, estando seu nível de aprendizado superior ao encontrado no

Brasil, Santa Catarina e Florianópolis. Ultrapassando, inclusive, a meta projetada para o município no ano de 2021 que é de 5,6.

Este é resultado também de projetos/programas realizados nesta instituição que permitem um ensino de qualidade e aos alunos ampliarem seus conhecimentos, como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) vinculada à UFSC e à Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) criado em 2007 pelo Ministério da Educação com o objetivo de fortalecer a escola pública como espaço de formação docente e promover a articulação das universidades com as redes públicas de ensino. E o Projeto “Beatriz para além dos seus muros 2015” que foi criado com o objetivo de desenvolverem ações que articulem o conhecimento teórico com vivências práticas, qual consiste em saídas de estudo para locais já pré-determinados pelos professores.

3.2 Conhecendo a turma “21”, o professor e as aulas de educação física

3.2.1 Turma “21”

A aproximação com a turma do segundo ano do Ensino Fundamental período matutino, denominada "21", aconteceu quando as acadêmicas entraram em sala, pela primeira vez, para fazerem acompanhamento das aulas de Educação Física com o intuito de observar os alunos em aula. Este rito de observação se repetiu nas primeiras semanas do estágio, no decorrer destas foram se atentando também a metodologia utilizada pelo professor de educação física. Todas as observações (11) foram registradas, contendo nestes registros a descrição de tudo que ocorreu nas aulas.

As acadêmicas se depararam com uma classe constituída de 22 alunos distribuídos igualmente entre os gêneros feminino e masculino, com faixa etária entre 07 e 08 anos, em sua maioria, autodeclarados brancos, naturais de Florianópolis e residentes no bairro Pantanal. Filhos de pais jovens e trabalhadores, sob cuidados destes (pais) ou dos avós.

Ao entrar em sala logo se pode perceber o entusiasmo da turma, o bom acolhimento e o grande interesse por compartilharem algo, serem ouvidos. A imagem da turma na sala de aula era de crianças conversando, brincando, correndo de um lado ao outro, terminando atividades, lendo, dando risadas, outras se queixando e/ou brigando. Aparentemente felizes, sem tatuagens, piercings, cicatrizes e/ou marcas visíveis de agressões no corpo. Estas totalmente distintas umas das outras, produtos de seus contextos históricos, porém, todas com sentimento de igualdade entre elas, não havendo um/uns tidos como superiores.

3.2.2 O Professor

O professor de educação física da turma “21” formou-se em Educação Física – Licenciatura no ano de 2011 pela Universidade Federal de Minas Gerais. Este em entrevista com acadêmicas relatou que sua formação foi mais humana, apesar de ter tido disciplinas tecnicistas obrigatórias na base, e que também teve que realizar uma formação, conforme exigido pela instituição, com cinco disciplinas na Faculdade de Educação.

Após a conclusão da graduação trabalhou durante dois meses em uma escola particular, porém, devido a situações do momento desistiu da docência e no mesmo ano mudou-se para Florianópolis com o intuito de ficar pouco tempo e logo seguir viagem de bicicleta até a Patagônia, porém, não o fez, estendeu seu período na ilha pelo fato de estar treinando bike, pela condição financeira e por ter conhecido sua atual companheira conjugal.

Neste período trabalhou como garçom, barman entre outros. Decidiu retornar a docência por acreditar ter tido um amadurecimento em relação à educação. Disse que sua prática é baseada no Kunz, Bracht, mas, principalmente, na metodologia de ensino do Coletivo de autores. Suas aulas baseiam-se na cultura corporal de movimento e busca passar as crianças sobre respeito e cooperação. Para ele, educação física é educação para a vida.

3.3 As aulas de educação física

As aulas de Educação Física (EF) observadas tinham quarenta e cinco minutos de duração e frequência de duas vezes semanais, sendo uma delas aula faixa. A aula que não era faixa acontecia antes do recreio, e por ser anos iniciais, a aula tinha duração de trinta minutos. Aconteceram, em sua maioria, no ginásio em dias ensolarados e quentes.

Os conteúdos abordados foram brincadeiras e jogos populares, e lutas. Cabe salientar que o professor responsável por estas disponibilizou as estagiárias os planos das aulas ministradas anteriormente às observações, bem como, o plano das intervenções seguintes.

O professor possuía uma rotina que consistia em dar as boas vindas aos alunos, explicar os momentos da aula do dia, realizar a chamada e relembrar os combinados com a turma.

"Presta atenção na chamada, turma e depois vamos fazer uns combinados" (Registro de observação).

Para deslocamento era solicitada a organização de uma fila, porém, sem menção a distinção de sexo, o que acontecia por parte dos sujeitos.

“Vamos subir, façam uma fila”

"Professora, você está na fila dos meninos, vem pra fila das meninas!"

(Registro de observação).

No local em que as aulas se desenvolveram as explicações das atividades eram dadas mediante a disposição dos alunos em roda. Eram realizadas, em média, quatro atividades por aula. Ao término de algumas aulas o professor e alunos conseguiram estabelecer um diálogo sobre o comportamento da turma, buscando assim, uma reflexão sobre as ações.

Nas primeiras observações foram realizadas atividades distintas como: "chapéu do Manoel; Pega-pega correntinha e fui à padaria", e foi oportunizado aos alunos sugerirem próximo ao final da aula uma atividade para realizarem, porém, nem sempre estas foram realizadas devido tempo.

“Vamos fazer na próxima aula a atividade que a Dominique sugeriu”

(Registro de observação).

Nas seis últimas aulas, considerando também a mudança de tema, seguiu-se uma rotina de alongamento, exercício de força e atividade específica referente à modalidade, tornando-se assim mais tecnicista. Nestas foi possível observar a dificuldade e não participação de alguns alunos. Deste modo, notou-se a realização de brincadeiras paralelas como, por exemplo, corrida, médicas, cavalinho, sapinho, acrobacias (parada de mão, cambalhota, aú, ponte), movimentos de luta e pebolim.

Nestas houve três casos de acidentes, mas sem danos e alguns casos de agressão, quais foram mediados pelo professor com calma e conversa. Outras situações como a de não cumprimento dos combinados e falta de respeito entre alunos e deles com o professor afetaram o desenvolvimento das aulas. Em diversas delas a aula foi interrompida e retornou-se a sala de aula para refletir e compreender o motivo do retorno.

“Turma, perdemos muito tempo tentando organizar, devemos aprender a ouvir mais, a respeitar mais os professores e amigos. A nos respeitarmos” (Registro de observação).

Havia na turma pouca (auto) inclusão e grande número de (auto) exclusão entre os alunos, o que tentava ser revertido por meio de diálogo pelo professor.

"Graças a Deus não veio!"

"Vamos conversar sobre o Ryan porque todos estão falando e graças a Deus que ele não veio" (Registro de observação).

As crianças mostraram-se bastante enérgicas, já que a todo o momento que ficavam em ócio em relação à atividade do professor, elas corriam pelo espaço. Observou-se também que a única distinção de sexo ocorreu no modo em que organizavam as colunas para deslocarem-se da sala até o local da aula, estando esta ausente nas atividades desenvolvidas.

Como reflexo dessa ausência de silêncio, calma e respeito com o próximo, seja aluno ou professor, ocorreram alguns acidentes sem comprometimento da integridade física e agressões como, empurrões, quais foram mediados pelo professor que os explicava que deveriam tomar atitudes diferentes daquele outro que o agrediu.

Em situações que os combinados foram extrapolados e o professor ficou impossibilitado de realizar o que havia planejado, a aula foi interrompida e retornou-se a sala de aula para, através do diálogo, refletirem e compreenderem os motivos do retorno.

"Por que voltamos para a sala?" Fernando disse: "Porque não cumprimos os combinados." O professor continuou: "Isso. Estava muito difícil para eu falar, turma. Não gostei do comportamento de vocês e tivemos que voltar para a sala. Não pode ser bagunçado turma, não quero que minha aula de torne uma bagunça." Tales disse: "Mas fizemos mais atividades que na outra aula." O professor então falou: "Mas ainda não foi suficiente. Aula de educação física não é recreio, gente." Isabela disse: "Mas podemos brincar também né?" O professor respondeu: "Sim, mas organizamos a brincadeira. Mas tem que prestar atenção, tem que respeitar" (Registro de observação).

Em suma, os alunos tiveram boa participação nas primeiras aulas observadas, o que não ocorreu nas últimas, quais se apresentaram bem dispersos, e o tempo em atividade foi pouco comparado ao tempo de conversa e considerando-se o tempo de aula. Apresentaram dificuldade em cumprirem os combinados feitos com o professor e de se acalmarem em momentos que exigiam atenção, como na explicação e execução das atividades.

Estas dificuldades de organização, silêncio e respeito tão dialogadas pelo professor os impossibilitaram de serem produtores da história nos momentos que lhes foram oportunizados, como por exemplo, na escolha de atividade. Podendo ou não ser fruto da ausência da dita simpatia antropológica.

3.4 Análise e reflexão sobre a experiência de ensino

Considerando o estágio como momento de formação em que o estagiário é reconhecido na função de professor de educação física, planejando, intervindo e avaliando os

processos de ensino de educação física (PINTO; PAULI, 2016). As acadêmicas tomaram postura de docentes e não mais de observadoras, ficando o professor supervisor do estágio, monitor da disciplina e professor da instituição como observadores/supervisores.

Cabe salientar que optaram por dividirem a docência, não ficando uma como responsável para cada aula, mas sim, as duas.

A experiência de ensino foi resultante de onze intervenções. Planejadas para serem iniciadas em sala de aula por meio da música "Bom dia crianças como vai?", da respiração da flor e da vela, em simultâneo com a realização da chamada em silêncio. Com organização dos alunos para o deslocamento até o auditório da escola de modo a evitar a distinção de gênero.

Desenvolvimento das atividades no local escolhido pela dupla, previamente organizado por elas com o intuito de proporcionar um ambiente confortável e atraente aos alunos, por meio de músicas, tapetes e tatames. Finalizadas por meio de cantiga ou mantra, com deslocamento de retorno a sala.

A primeira intervenção teve como tema a história e princípios do Yoga. Estes foram abordados através de uma história estruturada pelas acadêmicas e narrada por um fantoche que possuía as características do personagem desta, esta foi contada no auditório da escola tendo de fundo som de floresta e animais, os aproximando do que se tratava a história. Ao final, como tarefa, em busca de compreender o que havia lhes chamado à atenção, foi solicitado que desenhassem o que mais gostaram da história. Estes foram entregues na aula seguinte, e pode-se perceber que foram atraídos pelo personagem principal, o Ganesha.

Na intervenção seguinte a estrutura da aula foi modificada, acrescentou-se uma conversa inicial buscando recordar o encontro anterior através de questionamentos, e possibilitar que experimentassem alguns dos ensinamentos do "Ganesha" como a respiração. Também se utilizou de cantiga ou mantra como estratégia para acalmar os alunos nos momentos de dispersão destes. Nesta além da respiração foram abordadas as posturas do Yoga (Ānsana), com a montagem de quebra-cabeças em equipes, e posteriormente estas apresentaram a sua postura a turma da maneira que julgavam ser a correta. Logo, foi proposto que desafiassem aos demais experimentarem.

Para explicação das atividades a dupla utilizou da mesma estratégia do professor de educação física, organizá-los em roda, para isso, as estagiárias sentavam-se no chão e aguardavam serem percebidas pelos alunos. Este ato fez com que aqueles que as perceberam sentassem também ou chamassem a atenção dos demais.

Ao termino desta segunda intervenção foi realizado um relaxamento com os alunos, bem como cantou-se o mantra da paz ensinado a eles.

“(…) Foi solicitado que guardassem os quebra-cabeças no envelope e entregassem às estagiárias. Feito isso, foi solicitado que deitassem sob os tapetes, fechassem os olhos, posicionassem as mãos sob o peito e barriga, sentissem o cheiro da flor e os balões enchendo e esvaziando” (Registro de intervenção).

Na intervenção seguinte foi confeccionado um baralho qual foi utilizado nas aulas posteriores para o ensino das posturas do Yoga (Ānsana) em conjunto com demais brincadeiras populares, como por exemplo, estátua. Novas posturas foram apresentadas a eles por meio de vídeos selecionados pelas acadêmicas. Para explicação das posturas invertidas realizou-se a revisão do conteúdo através do quebra-cabeça e do baralho, e após estas foram demonstradas pelas acadêmicas.

“A turma foi organizada em duplas (as mesmas que se deslocaram para o auditório) para nessa formação irem até o palco novamente para tentar iniciar as invertidas sobre a cabeça. Assim, cada dupla subia no palco e com a ajuda das estagiárias e do Daniel realizaram a postura. Em seguida todas as crianças foram ao palco e fizeram as posturas, respeitando seus limites, ou seja, nem todas conseguiram e o professor e estagiárias tranquilizaram a todos que isso era normal” (Registro de intervenção).

A partir da quinta intervenção as aulas passaram a ser encerradas com acadêmicas e alunos cantando os mantras e/ou cantigas ensinados, e a música da “Aroeira”.

“Para finalizar, Jéssica e Maria Eduarda iniciaram a cantiga da Aroeira, onde Jéssica pronunciava o nome do aluno que poderia levantar da roda e colocar o seu calçado” (Registro de intervenção).

“Bryan pediu, sorridente, para cantarem a música da Aroeira que haviam cantado na aula anterior, e assim foi feito. Nesta observou-se que aqueles que haviam dispersado mais durante a aula, se aquietaram para serem chamados por Jéssica. Cantando a música as crianças foram saindo para pôr os sapatos e quando todos haviam colocado foi formada novamente a fila nas duplas para iniciar o deslocamento para a sala” (Registro de intervenção).

Apesar de todas as aulas terem sido planejadas previamente, as estratégias e dinâmica da aula foram modificadas de acordo com o retorno dos alunos e com as reflexões geradas nos pontos de encontros.

“As estagiárias por perceberem nas aulas anteriores a necessidade deles explorarem o espaço, disponibilizaram os minutos iniciais da aula para isso, colocaram tatame sob a rampa e tapetes no espaço à frente do palco. Eles brincaram de correr, pular, rolar, se amontoar, cavalinho, cachorrinho, entre outras brincadeiras. Dominique

convidou Jéssica para rolar na rampa com ela, mas Jéssica disse que não caberia na rampa, então ela disse: "Você é jovem ainda, e jovem pode brincar, vem! Você pode fazer assim! [correu pela rampa]" (Registro de intervenção).

Por compreender que a infância é a idade das brincadeiras, por meio delas que a criança se organiza, constrói, desconstrói, assimila e se expressa, sendo o lúdico a forma mais próxima da inserção das crianças na realidade delas próprias (DALLABONA, 2004). Optou-se por abordar os temas por meio de histórias, brincadeiras e jogos de modo a criar um ambiente confortável e atraente a eles. São nos jogos e brincadeiras que a criança desperta a sua compreensão, pelo fato dela própria executar algo e não ter alguém fazendo por ela. Para Bracht (1999) a disciplina de educação física é facilitadora de interação com o lúdico, por diversos motivos, como, espaço físico, equipamentos e oportunidade de atividades livres.

O brincar é uma característica inerente a criança e se isto lhe estiver garantido ela tomará consciência do seu corpo, o respeitará a partir de uma vivência integrada com a consciência de si mesma, como ser integral. Da mesma forma, ela desenvolve a consciência da unidade com o outro, sendo incentivada a respeitá-lo (SILVEIRA, 2013).

Segundo Martins e Cunha (2011), o Yoga em sala de aula deve permitir as crianças o brincar, bastante, e aprender algumas posturas para que cresçam sem a imposição de uma disciplina muito rígida, para isso, afirma que é preciso o docente usar a criatividade, acrescentando sons, criando variações e novas formas de aprender e brincar dentro de cada *Ānsana*. Criar histórias relacionando os princípios e práticas do Yoga com situações próximas dos alunos permitem que entendam e explorem cada vez mais essas experiências.

Deutsch *et al.* (2015) afirma que a contação de histórias para o ensino da prática e valores do Yoga é bastante eficaz, pois busca incentivar a imaginação da criança fazendo com que ela interiorize os conceitos do Yoga. A história contada no início das intervenções apresentou elementos que foram recordados e experimentados nas demais práticas, o que possibilitou que não ficasse apenas no imaginário, mas que fossem sentidos pelos alunos.

Os conteúdos do Yoga experimentados e apreendidos pelos alunos contribuirão para as demais áreas e não apenas para a educação física, conforme afirma Silva (2013) o Yoga por proporcionar grandes expansões cognitivas através dos exercícios psicomotores, auto conhecimento e auto organização, nessa fase em que já estão iniciando o letramento, auxiliará no processo de escrita, leitura, na organização do pensamento, criação do senso crítico além de contribuir para a sua coordenação motora.

A escolha e o desenvolvimento das atividades não foram apresentados com rigidez, pelo contrário, com bastante flexibilidade, negociando e aceitando sugestões por parte deles, possibilitando-os serem sujeitos ativos desse processo. Estimulando se conhecerem, se respeitarem e respeitarem o próximo. Também foram respeitados e ouvidos pelas acadêmicas.

No decorrer das intervenções e, após leituras e análises dos registros de observação e de intervenção é evidente a mudança na atitude dos alunos, refletindo a apreensão do conteúdo que lhes foi transmitido. Exemplo disso foi a organização dos sapatos. Por tapetes terem sido utilizados no chão do auditório era necessário que os sapatos fossem retirados no momento que o ambiente fosse adentrado. Assim, no primeiro dia de aula foi solicitado aos alunos que retirassem os sapatos, estes por sua vez tiraram e os deixaram jogados por todo o espaço.

Por conta disso, na segunda aula, o espaço a serem colocados os sapatos foi delimitado, e no decorrer das aulas as crianças já sabiam o que deveriam fazer e onde colocar os sapatos, sem que algum docente mencionasse. Este ato não era apenas de organização destituído de uma intenção, pelo contrário, o intuito disto era que aprendessem de uma forma não explícita de um dos princípios do Yoga, a auto-organização.

Os combinados feitos entre acadêmicas e alunos, visando a organização, respeito e silêncio, como por exemplo, o de explorarem o espaço por alguns minutos logo após chegarem ao auditório e formarem a roda para explicação da atividade quando fossem chamados. Outro também era pedir para dois alunos, geralmente aqueles que estavam agitados, para avisarem seus colegas sobre a roda. Ao final do módulo, as crianças faziam a roda assim que solicitado, sem muitas dificuldades.

As cantigas, mantras e respiração ensinados e utilizados como modo de sentirem seus corpos, se ouvirem, silenciarem em respeito a si e ao outro.

“Chegando ao auditório, as crianças puseram os sapatos organizados no mesmo lugar de sempre e o lanche em cima das mesas. Foi feita uma roda na qual Jéssica explicou a atividade. As crianças estavam bastante agitadas e foi difícil mantê-las atentas. Maria Eduarda usou da estratégia de respirar como Ganesha para estas se acalmarem e dessa forma Jéssica pode falar. A atividade chamava-se espelho que consistia em as crianças em duplas realizarem as posturas aprendidas, de forma espelhada, ou seja, um da dupla faz a postura e o outro imita e vice e versa. As posturas mais realizadas nessa atividade foram a da

cobra, da ponte, do Ganesha e do guerreiro, mostrando assim, o gosto das crianças por essas posturas” (Registro de intervenção).

Por se tratar de um conteúdo que não é abordado no currículo do curso de Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina como disciplina obrigatória e nem eletiva, as estagiárias apesar de já terem praticado Yoga, tiveram que pesquisar sobre tal de modo a se apropriarem dos conteúdos para então o adaptarem a concepção pedagógica escolhida e aos alunos.

No decorrer das intervenções as acadêmicas foram aprendendo como melhorar determinados pontos que ainda não estavam satisfatórios a elas, bem como, a se posicionarem de modo a não reproduzir ações de outros professores. Além, durante o período na escola vivenciaram outras atividades exteriores a sala de aula, como a criação das Olimpíadas. Também se depararam com desafios pertinentes a prática docente, como, burocracias para utilização de determinados espaços, condições de infraestrutura, disposição de materiais, relação entre demais profissionais, entre outros.

Esta experiência de ensino possibilitou compreender que o ensinar, conforme Freire (2017), não é apenas transferir conhecimento, mas sim criar possibilidades para sua construção. A ação de ensinar remete a um campo de tensões entre o “professar um saber” e o “fazer outros se apropriarem desse saber”. Nesse sentido, o ensinar é o meio pelo qual informações acumuladas ao longo da história da humanidade são transmitidas, sendo também entendido como capacidade de mobilizar o aprendiz para que se aproprie dos conhecimentos sistematizados (ROLDÃO,2007).

Para haver docência tem que existir a discência, pois, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2017). Deste modo, o trabalho docente necessita de um conjunto de saberes que precisam ser aprendidos e é nessa formação inicial (graduação-estágio) que o futuro professor deve aprender as bases para construir o seu saber.

4. CONCLUSÃO

O Yoga como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar vai ao encontro da sociedade contemporânea em que fadada a produção-consumo deixou de se conhecer, respeitar-se bem como ao outro, e vislumbra-se com o imediatismo. Resultando em crianças inquietas com diagnósticos de déficit de atenção, e inseguras dentro da sala de aula, que é reflexo da sociedade.

Considerando as necessidades explícitas de realinhamento do ser e que na permanência de ausência deste os sujeitos permanecerão sendo submissos aos “superiores” e compreendendo que o Yoga está dentro do conteúdo das Práticas Corporais Alternativas e na Natureza pela Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2016) optou-se por abordá-lo nas aulas de Educação Física do segundo ano do ensino fundamental, apesar de ainda ser pouco comum.

Este exercício exigiu bastante esforço por parte das acadêmicas pelo Yoga não ser contemplado dentro do currículo do curso de graduação e por ser um elemento da cultura de outros povos, recentemente trazido ao Brasil, ainda mais na educação. Considerando o imaginário infantil, o contexto histórico dos alunos e os respeitando como sujeitos capazes de atuarem no mundo, o Yoga foi abordado por meio de histórias, cantigas, brincadeiras e jogos.

As estratégias de ensino e seus desdobramentos, decorrentes de problematizações e diálogos com demais acadêmicos e supervisores, viabilizaram apreensão do conteúdo por parte dos alunos repercutindo mudanças nas relações consigo e com o social. Mudanças essas que dificilmente serão retrocedidas, mas se estabilizarão no caso de não serem estimuladas.

Por fim, cabe ressaltar que o estágio foi de suma importância no processo de construção do ser “professora”, pois, nele pode-se idealizar o que estava no imaginário e conhecer o cotidiano de um docente na escola contemporânea. A meu ver ele como possibilidade de aproximação com a docência e por gerar entusiasmo no acadêmico, poderia não se fazer tão tardiamente dentro do currículo da graduação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABYOGA – Associação Brasileira de Yoga Antigo. Disponível em <www.abyoga.org.br>
- AUTORES, Coletivo. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. – (coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).
- ARENAZA, D. **O yoga na sala de aula**. In: Cadernos de Yoga, No. 01, pág. 48-53, 2004.
- ARENAZA, Diego. **Relatório de Pesquisa: O Yoga na Escola**, 2002. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/yoga/relatorio_pesquisa.html>
- ARENAZA, Diego. **O Yoga na sala de aula**. Centro de Ciências da Educação – UFSC, 2003.
- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978. In: BARBOSA, Analedy Amorim; MAGALHAES, Maria das Graças. S. Dias. A concepção de infância na visão PHILIPPE ARIÈS e sua relação com as políticas públicas para a infância.
- BIER, Ilse. **Ioga e bem-estar**. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1971.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedex**, ano XIX, nº 48, Agosto/99.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental**, EDUCAÇÃO FÍSICA, 2000.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- CHANCHANI R.; CHANCHANI S. **Ioga para Crianças: Um guia completo e ilustrado de Ioga**. São Paulo: Madras, 2006.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1 ed. – São Paulo: Cortez, 2013.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CARUSO, Victor. A história do Yoga no Brasil. **Cadernos de Yoga**, 7 (26): 48-52, 2010.
- CORDEIRO, Mariana. **História do Yoga no Brasil**. Disponível em: <<http://boayoga.com/sementes-do-bem-buscando-a-historia-do-yoga-no-brasil/>>.
- DALLABONA, S. R.; MENDES, S. M. S. O Lúdico na Educação Infantil: Jogar, Brincar, uma forma de Educar. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, v. 1, n. 4, p. 107-112, mar./2004.
- DEUTSCH, Silvia et al. Produção de material didático: Estratégias Inovadoras para Aulas de Yoga. **XIII Congresso Internacional de Tecnologia na Educação – Educação, tecnologia e a escola do futuro**, 2015.
- FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Educação Física. In: _____. **Matriz Curricular do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Florianópolis: Secretaria Municipal de Educação/Diretoria de Ensino Fundamental, 2016 (no prelo). Consultores externos: Jaison José Bassani e Luciane Lara Acco. Assessor DEF/SME: André Justino dos Santos Costa.
- FRANKLIN, Bob. 1995. In: SARMENTO, Manuel J. ; PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**, 1997. [TEXTO]
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 55 ° ed., 2017.
- GALANTINO, M., GALBAVY, R., & Quinn, L. Therapeutic Effects of Yoga for Children: A Systematic Review of the Literature. **Pediatric Physical Therapy**, 20, 66-80, 2008.
- GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Ed. Atlas, 2008.

- KUNZ, Elenor; TREBELS, Andreas H. (Org.). **Educação física crítico-emancipatória: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 2006.
- KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física 1/Org.**. —3.ed.—Ijuí: Ed. Unijuí, 2003—160p.:il.— (coleção educação física).
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 5.ed.- Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003
- MARTINS, F. S; CUNHA, A. C. **Yoga com crianças: um caminho pedagógico–didático**. 2011. Dissertação (mestrado em Estudos da Criança). Universidade do Minho, Braga, 2011.
- MASSOLA, M. E. Yoga para crianças. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 7, n. 1, p. 16, 2012.
- MASSOLA, M.E. **Vamos praticar Yoga? Yoga para crianças, pais e professores**. Ed. Phorte, 2008.
- NEVES, E.; DOMINGUES, C. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. Rio de Janeiro, 2007.
- OHIRA, M. L. B.; DAVOK, D. F.; SCHENKEL, M. L. B. C. Proposta para criação do sistema de arquivos da universidade do estado de santa catarina: trajetória, desafios e perspectivas. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 18, n. 2, p. 143-154, 2008.
- PINTO, F.; PAULI, M. **Manual do estagiário**. Centro de Ciências da Educação - Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.
- RAMACHARAKA, Y. **Bhagavad Gita, a mensagem do mestre**. Editora Pensamento, São Paulo, SP. 1995.
- ROLDÃO, M. do. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**. 2007, V.12, n. 34, 94-103.
- SANCHES, Raphael L. **Curar o corpo, salvar a alma: as representações do yoga no Brasil**. Dourados, MS: UFGD, 2014.
- SILVA, J. A. **Ioga: como disciplina na grade curricular das escolas**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.
- SILVEIRA, M. C. A. Yoga para crianças – uma prática em construção. **Revista Religare**, v. 9, n. 2, p. 177-185, 2013.
- SILVEIRA, G. C. F.; PINTO, J. F. Educação Física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 137-150, maio 2001.
- SIMÕES, Roberto S. **O papel dos Klesas no contexto moderno do ioga no Brasil: Uma investigação sobre os possíveis deslocamentos da causa do mal e da produção de novos bens de salvação por meio da fisiologia biomédica ocidental**. São Paulo, 2015.